

---

## Os Lusíadas, de Luís de Camões – Canto III, est. 118-135

---

### › Inês de Castro

- 118 Passada esta tão próspera vitória,  
Tornado Afonso à Lusitana Terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste e *dino* da memória,  
Que do sepulcro os homens desenterra,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que *depois* de ser morta foi Rainha.
- 119 Tu, só tu, puro amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta<sup>1</sup> morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras<sup>2</sup> banhar em sangue humano.
- 120 Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce *fruto*,  
Naquele engano<sup>3</sup> da alma, ledo e cego,  
Que a Fortuna<sup>4</sup> não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus *fermosos* olhos nunca *enxuito*,  
Aos montes *insinando* e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.
- 121 Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus *fermosos* se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;  
E quanto, enfim, cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.

---

<sup>1</sup> lamentável

<sup>2</sup> altares

<sup>3</sup> enlevo

<sup>4</sup> sorte boa ou má

- 122 De outras belas senhoras e Princesas  
Os desejados tálamos<sup>5</sup> enjeita,  
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas,  
O velho pai *sesudo*<sup>6</sup>, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,
- 123 Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo *co* sangue só da morte *indina*  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor<sup>7</sup> consentiu que a espada fina,  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra *hũa* fraca dama delicada?
- 124 Traziam-na os horríficos algozes<sup>8</sup>  
Ante o Rei, já movido a piedade;  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, à morte crua o persuade.  
Ela, com tristes e piedosas vozes,  
Saídas só da mágoa e saudade  
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,  
Que mais que a própria morte a magoava,
- 125 *Pera* o céu cristalino<sup>9</sup> alevantando,  
Com lágrimas, os olhos piedosos  
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros *rigurosos*);  
E *despois*, nos *mininos* atentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
Cuja *orfindade* como mãe temia,  
*Pera* o avô cruel *assi* dizia:

---

<sup>5</sup> casamentos

<sup>6</sup> sensato

<sup>7</sup> loucura

<sup>8</sup> partidários da morte de D. Inês: Álvaro Gonçalves, Pêro Coelho e Diogo Pacheco

<sup>9</sup> límpido

- 126 "Se já nas brutas feras, cuja mente<sup>10</sup>  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aéreas *tem* o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão *piadoso* sentimento  
Como *co* a mãe de Nino<sup>11</sup> já mostraram,  
E *cos* irmãos<sup>12</sup> que Roma edificaram,
- 127 Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar *hũa* donzela,  
Frac e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura<sup>13</sup> dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.
- 128 E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida, com clemência,  
A quem *pera* perdê-la não fez erro<sup>14</sup>.  
Mas, se to *assi* merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,  
Onde em lágrimas viva eternamente.
- 129 Põe-me onde se use toda a feridade<sup>15</sup>,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, *co* amor intrínseco<sup>16</sup> e vontade  
Naquele por quem *mouro*, criarei  
Estas relíquias suas que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste."

---

<sup>10</sup> índole, instinto

<sup>11</sup> Semíramis, rainha da Assíria, foi abandonada pela mãe num deserto e alimentada por pombas

<sup>12</sup> Rômulo e Remo, irmãos gémeos fundadores de Roma, foram criados por uma loba

<sup>13</sup> terrível

<sup>14</sup> falta

<sup>15</sup> ferocidade

<sup>16</sup> profundo

130 Queria perdoar-lhe o Rei *benino*,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra *hũa* dama, ó peitos carnicheiros,  
Feros vos amostrais e cavaleiros?

131 Qual contra a linda moça *Polycena*<sup>17</sup>,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co ferro o duro Pirro<sup>18</sup> se aparelha;  
Mas ela, os olhos, com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha),  
Na mísera mãe postos, que *endoudece*,  
Ao duro sacrifício se oferece:

132 Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras<sup>19</sup> com que Amor matou de amores  
Aquele que *despois* a fez Rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, férvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

133 Bem puderas, ó Sol, da vista destes,  
Teus raios apartar aquele dia,  
Como da seva mesa<sup>20</sup> de Tiestes<sup>21</sup>,  
Quando os filhos por mão de Atreu<sup>22</sup> comia!  
Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

---

<sup>17</sup> filha de Príamo, rei de Troia e de Hécuba, foi imolada por Pirro, sobre o túmulo de Aquiles, pai de Pirro

<sup>18</sup> filho de Aquiles, o herói da Ilíada

<sup>19</sup> seios

<sup>20</sup> cruel banquete

<sup>21</sup> filho de Pélope e irmão de Atreu, cuja esposa seduziu

<sup>22</sup> irmão de Tiestes, a quem deu a comer, durante um banquete, a carne dos filhos nascidos da ligação dele com a sua esposa

- 134 *Assi* como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos *lacivas*<sup>23</sup> maltratada  
Da *minina* que a trouxe na capela<sup>24</sup>,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está, morta, a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva cor, *co* a doce vida.
- 135 As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, *por* memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que *inda* dura,  
Dos amores de Inês, que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome Amores.

CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*. 12.ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. 978-972-0-04956-8. pp. 90-94.

---

<sup>23</sup> brincalhonas

<sup>24</sup> grinalda